

O atraso econômico em perspectiva histórica e outros ensaios

De Alexander Gerschenkron¹

Rio de Janeiro: Contraponto Editora e Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, 2015

|| Jaques Kerstenetzky²

A EDIÇÃO

Bem ao espírito da coleção *Economia política e desenvolvimento*, esta edição de 12 escritos de Gerschenkron é um verdadeiro clássico que se torna acessível ao público brasileiro interessado em economia. O autor é historiador econômico da maior envergadura, formado por uma trajetória acadêmica e de vida ímpar que, tendo atuado na academia em meados do século passado, permanece influente até os dias de hoje.

Seus principais escritos são artigos — quase todos os seus livros são constituídos de coletâneas de artigos e conferências. A presente edição em português selecionou artigos publicados em revistas acadêmicas nas décadas de 1950 e 1960 que haviam sido republicados em duas coletâneas americanas: uma de 1961 (*Economic backwardness in historical perspective*) e

outra em 1968 (*Continuity in history and other essays*). Se é usual discutir o critério de escolha para seleções desta natureza, esta linha de comentário não rende muita polêmica neste caso. A escolha do volume brasileiro recaiu sobre um conjunto de textos tematicamente coeso, preferencialmente a cobrir diferentes faces do intelectual, uma escolha justificável e explicitada pelo título da coletânea.

A APRESENTAÇÃO E O AUTOR

Os artigos de Gerschenkron são precedidos por uma excelente e detalhada apresentação de Carlos Pinkusfeld Monteiro Bastos e Numa Mazat, professores do Instituto de Economia da UFRJ. A apresentação se assenta em amplo material bibliográfico, de forma que é uma verdadeira incursão pelo conteúdo e significado da contribuição do historiador econômico: introduz o leitor aos artigos do livro, incluindo informações de vida e obra que permitem melhor compreendê-los; examina as resenhas das coletâneas americanas aqui mencionadas, revelando sua recepção à época do lançamento; e acessa literatura posterior, dando ideia da resistência da obra ao tempo. Os que quiserem prosseguir para além da leitura do livro, aprofundando o estudo da contribuição de Gerschenkron, encontrarão material nas referências da apresentação.

Dentre o material utilizado na apresentação está uma biografia relativamente recente do historiador escrita por seu neto, o escritor Nicholas Dawidoff (2002). Este se baseou em suas próprias memórias, nas memórias (não publicadas) deixadas pelo

1. GERSCHENKRON, A. *O atraso econômico em perspectiva histórica e outros ensaios*, de Alexander Gerschenkron. Rio de Janeiro: Contraponto Editora e Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, 2015.

2. Professor associado do Instituto de Economia da UFRJ.

avô, em pesquisa contextual, em extenso número de entrevistas que realizou e em material que obteve com ex-alunos, reconstituindo de forma muito pessoal as idiossincrasias e a aura que Gerschenkron foi capaz de criar em torno de si. Eventuais depoimentos publicados por ex-alunos vão na mesma direção, como o de Deirdre McCloskey (1992), para quem Gerschenkron não foi o melhor professor, economista, ou historiador que conheceu, mas o maior *scholar*.

A biografia de Gerschenkron é daquelas que vale a pena conhecer. Por razões de espaço compatível com uma resenha, limito-me a uma brevíssima e significativa amostra: nascido no começo do século XX em Odessa e descendendo de judeus por parte de pai, fugiu da União Soviética poucos anos depois da revolução russa, para a Áustria, onde se tornou adulto e economista, e de lá foi para os Estados Unidos, escapando do nazismo. As fugas se justificam pelos ambientes totalitários, senão pela origem judaica. Nos EUA foi capaz de abrir caminho na profissão até se tornar professor em Harvard. O uso da criatividade para superação de adversidades é um traço de sua história de vida que Dawidoff (2002, p. 187) identifica como análogo à ideia que seu avô concebeu para entender a história das nações. Passemos a ela.

O ATRASO EM PERSPECTIVA HISTÓRICA

O capítulo 1 da coletânea brasileira, *O atraso econômico em perspectiva histórica*, originalmente publicado em 1952, empresta — e não à toa — seu título ao livro, da mesma forma que à primeira coletânea americana, de 1961 — em português foi acrescida a expressão “e outros ensaios”. Contém uma teoria do atraso econômico relativo, elaborada para dar conta das diferentes maneiras pelas quais os países europeus se industrializaram, ideia sobre a qual Gerschenkron trabalhou pelo resto de sua vida (MCCLOSKEY, 1992, p. 242). Seu valor está em ser

capaz de ordenar significativamente um vasto material histórico, sendo provavelmente a maior razão do sucesso do autor e de sua obra.

Em sua ideia paradigmática, Gerschenkron identifica uma tensão nos países que se industrializaram depois da Inglaterra que opõe “o estado real das atividades do país e os obstáculos ao seu desenvolvimento industrial, por um lado, e [...] a grande promessa inerente a esse desenvolvimento, por outro” (p. 70). Não contando com as mesmas condições associadas ao processo que gradualmente conduziu a Inglaterra a sua industrialização, os demais países lançaram mão de soluções institucionais específicas para acelerar mudanças e saltar sobre o atraso, de maneira a emparelhar com a nação de industrialização originária. Gerschenkron emprega a expressão “substituição” quando se refere a elementos que atuam no lugar daqueles que seriam, em uma visão indiferenciada de história industrial, pré-requisitos da industrialização — superação da estrutura agrária, criação de elite moderna, disponibilidade de capital, mão de obra, iniciativa empresarial, proteção à propriedade, e a lista pode ainda seguir; na visão de Gerschenkron, tais mudanças, ao invés de prévias para que a industrialização possa se dar, acabam por se consolidar durante o processo de desenvolvimento industrial (p. 99 e p. 204 e seguintes). Adicionalmente, “substituição” não denota consciência plena, mas tateamento e descoberta; e sendo os conceitos da ideia heurísticos, permitem organizar as perguntas e a pesquisa de novos casos.

A ideia de Gerschenkron permite assim ordenar a experiência ao mesmo tempo diversa e convergente dos países europeus. Convergente porque uma vez que a Inglaterra se industrializou, apontando o caminho do desenvolvimento, passou a ser um espelho. Diversa porque os países continentais se encontraram diferentemente servidos em termos de condições para trilhar o caminho. Heranças históricas

institucionais e culturais ensejaram diferentes soluções para “saltar sobre o atraso”.

A leitura dos demais artigos da publicação pode ser feita sob o prisma de elaboração da ideia já mencionado (MCCLOSKEY 1992): neles encontramos refinamento da teoria, detalhamento de um caso nacional ou de como um setor ou atividade (como a agricultura) pode variar seu papel na experiência histórica e nacional, indicação do papel e do *timing* da construção ferroviária no processo, revisão crítica do trabalho de outros à luz de sua “teoria histórica”, e extensão para novos casos nacionais. A mesma ideia de extensão, elaboração e aprofundamento serve para outros artigos do autor não selecionados.

Assim, na análise gerschenkroniana, o caso da Alemanha destaca os Bancos Universais como instituição-chave para saltar sobre o atraso. Essa conexão entre modelo bancário e crescimento se tornou uma hipótese duradoura e sempre revisitada em estudos sobre o sistema financeiro. Na análise do caso russo, sendo o atraso de maior profundidade, são identificados outros substitutos, com a partida para o salto sobre o atraso tendo origem no Estado. São discutidas as especificidades na agricultura e relações sociais no campo, no financiamento e na maneira como a transformação se desenrola. Outros casos tratados pelo historiador econômico são a Itália, a Áustria e a Bulgária, havendo ainda observações mais breves sobre outros países à luz de sua teoria, como a Dinamarca. As observações incluem casos de não transformação.

A análise histórica dos casos gerou críticas de outros historiadores, que discutiram detalhes dos processos nacionais, com reexame do *timing* e das instituições. Ainda que a interpretação tenha sofrido desafios empíricos, permanece a abordagem.

LIÇÕES DE GERSCHENKRON: O SCHOLAR NA HISTÓRIA DA HISTÓRIA ECONÔMICA

É digno de nota que os artigos de Gerschenkron combinam história, teoria e metodologia, como bem observa a apresentação brasileira. Ao longo do tempo, no debate com outras visões concorrentes, no esforço de aperfeiçoamento e detalhamento de sua visão, o historiador econômico robustece sua argumentação e sua grande explicação. Talvez aqueles que esperam a cada artigo um novo conjunto de proposições se ressintam de certa repetição de conteúdo. Mas os artigos de Gerschenkron não se destinam meramente a fornecer conteúdo histórico. São lições de história, de uma maneira de pensá-la, de praticá-la.

Gerschenkron é de uma época em que os artigos de economia não apresentavam a estrutura atual, mas mesmo para o estilo da época se destacam pela escrita dotada de graça e erudição. Assim, não encontramos o texto sob a forma contemporânea de artigo *mainstream* de economia — revisão de literatura/modelo/dados/avaliação/conclusões, mas sob a forma de ensaio. O leitor eventualmente estranhará a falta de um enunciado, ao início da exposição, do percurso que será seguido, à feição do que seria hoje uma das características dos artigos aceitos em revistas acadêmicas; em compensação, a sequência é conduzida de forma que contexto, ideias, o eventual contraste com outras abordagens se desenvolvem sem ressaltos, e somos conduzidos pela discussão sem esforço. Críticas a ideias de outros podem ser duras, mas não desrespeitosas; discordâncias são elegantes, fundamentadas e referidas à própria visão. A retórica é sempre impecável, com emprego de estilo, fato, lógica, metáfora, estória trabalhados à exaustão. Dawidoff (2002, p. 126) nos explica que o processo de produção de Gerschenkron consistia em enfrentar um tema com extensa leitura e pesquisa de arquivo, para então, quando chegava a hora de

escrever, fazê-lo como se empregasse um torno, revirando suas ideias continuamente até aprimorá-las ao ponto de se tornarem reflexões concisas.

Uma apreciação mais profunda do trabalho de Gerschenkron pode ser conduzida pelo exame de seu lugar na história da sua disciplina, a história econômica. Vale a digressão que segue, cuja principal motivação é esclarecer a relação do autor com as tendências que atuaram na disciplina, relação esta que encerra uma lição de pluralismo. Passemos ao exame, começando pela história da disciplina em versão breve.

O campo de estudos da história econômica teve uma evolução peculiar que podemos com certa liberdade reputar como independente dos demais ramos da história (como a história social) porque referida principalmente à economia;³ por outro lado, a evolução não se alinha com a da vertente principal da própria economia na maior parte do percurso. Alinhamento e desalinhamento permitem identificar relações complexas entre a história e a teoria econômicas nos diferentes pontos do percurso, em torno de questões de método. Precisamos recuar até as antecessoras escolas históricas alemã e inglesa do século XIX que, propondo uma ciência econômica histórica e institucional e de caráter predominantemente indutivo, haviam se desenvolvido como contraponto à escola clássica inglesa que teria, na visão dos históricos, se tornado excessivamente dedutiva. O contraponto se renovou na Alemanha na década de 1880 com a chamada *methodenstreit* entre a abordagem histórica de Gustav

Schmoller, da segunda geração da escola histórica alemã, e o marginalismo predominantemente dedutivo de Carl Menger no lugar da escola clássica, com reflexos na Inglaterra e nos EUA. Da solução deste contraponto nasceu a história econômica como espaço de economistas dedicados a estudos históricos,⁴ no lugar da economia histórica, formalizando-se em 1892 com a primeira cadeira em Harvard, ocupada pelo economista histórico inglês William Ashley, com as cadeiras se multiplicando em outras instituições, e com a criação de revistas especializadas e associações.⁵

A história econômica se desenvolveu em suas primeiras décadas sem grandes balizadores metodológicos; assim, grande variedade de modalidades de estudo, inclusive quantitativo, se desenvolve nas primeiras décadas do século XX. A busca de princípios normativos para a disciplina pode ser exemplificada pela proposição de Norman Gras de acumular grande número de estudos de caso, no âmbito da disciplina correlacionada história empresarial, esperando-se surgir deste acúmulo uma síntese.⁶ Ainda ilustrando a busca de perspectivas de orientação de pesquisa no campo, vemos os caminhos da economia, história econômica e da história empresarial se entrecruzarem em instituições como o importante e breve *Research Center in Entrepreneurial History* em Harvard (1948-1958), de forte influência schumpeteriana, mas também interdisciplinar. Já era época de atuação de Gerschenkron, de forma que dispomos de sua análise crítica da visão de membros do centro no artigo *Atitudes sociais, espírito empreendedor*

3. Esta observação, e o que se segue, vale para o *mainstream* da história econômica que se desenvolveu em torno das principais escolas do mundo anglo-saxão. A história é diferente e se torna mais complexa se considerarmos outras vertentes como a *École des Annales* ou as contribuições ligadas ao marxismo.

4. Nascimento, aqui, tem o sentido de campo de ensino e investigação formalmente organizado.

5. Em sua aula inaugural de 1893, Ashley (1893) fala da história econômica como território dedicado àqueles que praticavam economia histórica.

6. Gras, historiador econômico orientado por Edwin Gay, foi o primeiro a ocupar uma cadeira de história empresarial, no nascimento desta disciplina na Harvard Business School, na década de 1920 (BOOTHMAN, 2001).

e *desenvolvimento econômico*, reproduzido como capítulo 10 da coletânea brasileira, originalmente publicado em 1955.⁷

À época também estava em fermentação a chamada nova história econômica ou cliometria, que pode ser brevemente definida como o emprego de teoria econômica e de técnicas quantitativas de ponta na feitura da história econômica. Representa, pela primeira vez, uma orientação de alinhamento entre história econômica e *mainstream* da economia, na forma de recolocação da situação de contraponto, agora com a solução recomendada de uso do arsenal dedutivamente desenvolvido da teoria econômica e de métodos quantitativos para proporcionar balizamento analítico e rigor quantitativo a argumentos de história econômica. Com este pano de fundo em mente, passemos ao tema da relação de Gerschenkron com métodos quantitativos e, em seguida, à sua apreciação da nova tendência.

Educado como economista quando a fronteira da economia estatística era a contabilidade nacional e os números índices, mas também na cultura da *Mitteleuropa*, Gerschenkron acreditava em números e em palavras (MCCLOSKEY, 1991). Se os seus escritos históricos se apresentam como ensaios, um dos aspectos de sua teoria do atraso econômico é a aceleração do crescimento, de forma que desenvolveu atenção para sua mensuração, bem como para transformações na estrutura industrial, como no artigo sobre a industrialização da Bulgária reproduzido na coletânea americana de 1961, que traz também um apêndice quantitativo sobre o mesmo país.⁸

Também encontramos nos artigos, de forma dispersa e brevíssima, manifestações sobre a importância de quantificação e de operacionalidade de conceitos, por vezes como crítica ao trabalho de outros historiadores econômicos.

Destaca-se também o trabalho que deu origem ao “efeito Gerschenkron”, como ficou conhecida outra de suas contribuições, uma peça de análise econômica formulada para dar conta do poderio industrial soviético na base de métodos quantitativos. Em seus primeiros tempos de Harvard, Gerschenkron se notabilizara como estudioso da União Soviética, campo que foi abandonando para se concentrar exclusivamente em estudos históricos. No esforço de análise empírica, Gerschenkron se deu conta de que, na elaboração de índices de produção (de maquinário soviético), a adoção de ponderações do início de um período de transformações introduz viés de aumento nos resultados de crescimento do produto. Por meio de seus próprios cálculos envolvendo sistematização, estudo detalhado e estimativas de informações, mas destacadamente de uma escolha judiciosa de números-índice como alternativa aos empregados pelos soviéticos, Gerschenkron chegou a resultados que representaram uma deflação do poderio da economia soviética em relação ao que se acreditava com base nas informações oficiais (GERSCHENKRON, 1951).

Quanto à cliometria, encontramos uma argumentação de apoio ao uso de raciocínio contrafactual no pós-escrito ao capítulo 11 da coletânea aqui resenhada, *Alguns problemas metodológicos em história econômica* (p. 373 e seguintes). Adicionalmente,

7. Arthur Cole estava à frente do centro, Leland Jenks e Thomas Cochrane eram grandes nomes e, entre os jovens, além de Landes (que tem sua visão explicitamente confrontada por Gerschenkron no capítulo 10), destacavam-se os nomes de Alfred Chandler e Douglass North.

8. *Some aspects of industrialization in Bulgaria, 1878-1939* e *Appendix II: Industrialization in Bulgaria, basic data and calculations*. Estas duas peças não estão presentes na coletânea brasileira.

orientandos seus se tornaram entusiastas da nova tendência: McCloskey (1992) nos conta que o grupo de orientandos afixou na entrada do laboratório organizado pelo mestre o moto “Dê-nos os dados que completaremos o trabalho”, mas acrescenta que Gerschenkron certamente o repudiaria como ignorante se tivesse ido pessoalmente ao laboratório.

Por outro lado, chama a atenção, no mesmo pós-escrito ao capítulo 11, e encerrando-o, o pedido de compreensão para eventuais exageros da cliometria que seriam característicos de etapas iniciais de novas tendências, acreditando que, com o tempo, a consciência que historiadores econômicos adquirem dos fatores não econômicos, além de novos métodos e problemas que naturalmente surgiriam mais tarde, acabaria por temperar e tornar mais comedida a nova prática. Não cabe aqui avaliar o que ocorreu depois; mantendo-nos no passado, a apreciação metodológica geral de Gerschenkron (ainda no capítulo 11) não destoaria da encontrada em artigos de velhos historiadores econômicos como Redlich (1965) e Cochran (1969) nos quais a velha e a nova história econômica são confrontadas. Cada um a seu modo e em grau variado, os três expressam certo otimismo (e normatividade) no sentido de desenvolvimento da história econômica de forma pluralista, onde problemas admitem diferentes métodos e graus de abstração, e diferentes instrumentos e teorias empregados de forma judiciosa são bem-vindos.

UMA LIÇÃO QUE TRANSCENDE O TEMPO

Meu último comentário pretende destacar um aspecto da contribuição paradigmática de Gerschenkron como sendo capaz de transcender o tempo e iluminar a prática acadêmica contemporânea. Identificar a diversidade da experiência histórica da industrialização de países europeus faz de Gerschenkron um pensador que, praticando

história comparativa, ensina a lidar com os processos contraditórios de unicidade e diversidade na experiência histórica, em contraste com autores para quem o processo de transformação e de desenvolvimento é uma estrada única, apontada pelos países que estão na dianteira, dentre os quais incluiu Rostow e Marx.

No melhor estilo histórico contemporâneo, Gerschenkron não vê a história movida por um único mecanismo produtor de eventos em caminho único. Há em sua contribuição espaço para tendências e processos (e assim, para a ciência, a economia) com potencial para dominar a cena histórica, mas também lugar para especificidade e criatividade. No século XIX de Gerschenkron, quando desenvolver era essencialmente industrializar, países entraram na passagem para a industrialização por caminhos diferentes (alguns não o fizeram).

Embora a estrada do desenvolvimento tenha se transformado, convergência e divergência na experiência histórica permanecem tendências fundamentais de nosso tempo. Estariam as nações convergindo para um modelo único liberal, ou haveria em cada uma delas herança histórica e inscrita em suas instituições que preserva a diversidade?⁹ Se as duas tendências operam, como se dá sua ação conjunta (e contraditória)?

Mais do que problema contemporâneo explicitado pela globalização, o problema da unicidade e diversidade é histórico; pode ser visto na difusão milenar de elementos de civilizações através de contato transcultural, seja por dominação e/ou por comércio, em processos que não eliminam a diversidade, que permanece informada por herança própria. Diversidade se enfrenta com história comparativa, que permite pensar a diversidade na unicidade, e uso judicioso de fato, lógica, metáfora e estória, compondo a narrativa histórica.

§

9. Ver, por exemplo, a literatura de variedades de capitalismo e, em especial, os trabalhos de Wolfgang Streeck e Kathleen Thelen.

Referências

- ASHLEY, W. J. On the study of economic history. In: *The Quarterly Journal of Economics*, vol. 7, n. 2, p. 115-136, 1893.
- BOOTHMAN, B.E.C. A theme worthy of epic treatment: N.S.B. Gras and the emergence of american business history. In: *Journal of Macromarketing*, vol. 21, n. 1, p. 61-73, June 2001.
- COCHRAN, T.C. Economic HISTORY, OLD AND NEW. In: *The American Historical Review*, vol. 74, n. 5, p. 1561-1572, 1969.
- DAWIDOFF, N. *The fly swatter. How my grandfather made his way in the world*. New York: Pantheon Books, 2002.
- GERSCHENKRON, A. *A dollar index of soviet machinery output*. Santa Monica: Rand Corporation, 1951.
- MCCLOSKEY, D.N. Teaching. In: *The American Scholar*, vol. 61, n. 2, p. 241-246, Spring 1992.
- _____. Kinks, tools, spurts and substitutes: Gerschenkron's rhetoric of relative backwardness. In: SYLLA, R. and TONIOLLO, G. *Patterns of european industrialization. The nineteenth century*. London: Routledge, 1991.
- REDLICH, F. New and traditional approaches to economic history and their interdependence. In: *The Journal of Economic History*, vol. 25, n. 4, p. 480-495, 1965.